



Revisitando o Passado e Apontando para o Presente: Alguns Olhares sobre a Relação entre Mídia e Religiões Afro-Brasileiras¹

Gerson Carlos Pereira Lindoso²
Faculdade Pitágoras, São Luís, MA.

RESUMO

A principal meta desse trabalho é retomar discussões e diálogos em torno das relações midiáticas, particularmente as formas de representação, visibilidade/ invisibilidade das religiões afro-brasileiras (especialmente no Maranhão) junto aos meios de comunicação. Nos propusemos a fazer uma releitura das variadas maneiras de acepção do ‘ontem’ e do ‘hoje’ referentes as complexas categorizações e estereótipos de outrora e as políticas reivindicatórias contra as intolerâncias e discriminações afro-religiosas presentes em grande parte dos discursos massivos atuais.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia e Religiões Afro-Brasileiras; Tambor de Mina; Preconceitos.

INTRODUÇÃO

Ao recordarmos ou rememorarmos pesquisas já iniciadas anteriormente a respeito dessa temática ‘Mídia e Religiões Afro-Brasileiras’ como bolsista de iniciação científica (PIBIC-CNPq) entre os anos de 2002-2004 pelo Grupo de Pesquisa Mina, Religião e Cultura Popular vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, publicamos alguns trabalhos (LINDOSO, 2004, 2003, 2002) que expressam a complexidade dessa relação. Um dos pontos explorados e antagônico presente no discurso jornalístico de fins do séc. XIX e início do séc. XX pode ser visualizado através dos modos representativos das religiões de matriz africana no Brasil de maneira negativa em oposição a um emergente cenário de mudanças e transformações, já reivindicadas em meados da primeira metade do séc. XX, a exemplo do próprio jornalista baiano Édison Carneiro (BRAGA, 1995, p. 24).

O professor Édison Carneiro publicou uma série de reportagens e matérias jornalísticas de cunho explicativo e esclarecedor sobre as culturas afro-religiosas no intuito de combater ou se opor as perseguições religiosas expressas nos jornais baianos da época. Esse tipo de iniciativa serve como um contraponto no jogo de ataque/ defesa entre indivíduos ou mesmo grupos intolerantes religiosamente contra afro-religiosos ou pessoas ligadas ou envolvidas nesse contexto.



Mattijs Port (2005, p. 31) exemplifica alguns pontos delicados e que tiveram conseqüências ruins para as religiões afro-brasileiras em meio a presença dos veículos massivos, destacando alguns pólos opositivos entre tradicionalidade e modernidade:

Aprendemos sobre seus fortes tabus quanto a folmagens, fotografias e gravações dos ritos e cerimônias- sobre o choque e escândalo no seio da comunidade candomblecista quando, a despeito desses tabus, imagens de práticas iniciáticas ou de sacrifício animal foram exibidas nas páginas de Paris Match e O Cruzeiro (cf. Castillo 2005); ou quando um médium foi possuído por um exu, ao vivo e durante o horário nobre no Programa do Chacrinha (cf. Maggie, 1992) (PORT, 2005, p. 31).

Quanto as considerações do professor Mattijs Port (2005) baseado em reportagens midiáticas e em pesquisa da professora Yvonne Maggie (1992) descrevem determinadas incongruências entre mídia e religiões afro-brasileiras, basicamente quando é denotado qualquer tipo de exotismo ou sensacionalismo por parte dos meios massivos. A mídia vai assumir diversas funções e papéis na sociedade brasileira, dentre elas, a divulgação das notícias e informações diárias do cotidiano, transmissão de propagandas comerciais (publicidade) e a educação e entretenimento da população. Com o passar do tempo a evolução e desenvolvimento dos meios massivos (rádio, televisão, imprensa, etc.) são constantes e expressivos, onde a velocidade é um dos elementos primordiais em torno do dinamismo empreendido pelas novas tecnologias (satélites, fibras ópticas, informática) implementadas aos sistemas de comunicação.

Atualmente, as informações podem ser repassadas e transmitidas instantaneamente por questões de segundos e os acontecimentos do dia-a-dia serem acompanhados em tempo real, denotando o alto potencial das novas tecnologias e o próprio valor comercial da informação na atualidade, constituindo um cenário aliado a modernidade. Pretendemos ao longo desse diálogo fazer nossas pontuações em dois momentos, onde o primeiro faremos algumas pontuações sobre os grupos minoritários (o negro, por exemplo) pela mídia e as religiões afro-brasileiras, a partir de uma imagem infiel.

O Negro na Mídia



Jacques D'adesk (2001, p.87) dialoga sobre os detentores das informações e seu caráter comercial:

Por ter a informação um valor comercial, foram constituídos no mundo poderosos grupos de multimídia voltados para a imprensa escrita, falada e televisionada. Os grupos formados no Brasil representam também enormes interesses econômicos, com capacidade de propaganda e de manipulação sem precedentes, se compararmos os recursos que dispõem as antigas formas de comunicação. Assim, o controle dos modernos meios de comunicação tornou-se objeto importante de disputa política e econômica (D'ADESK, 2001, p. 87).

Vemos que a detenção da informação ou mesmo o controle dela é promovido por um restrito grupo de indivíduos que concentram interesses particulares (econômicos e políticos) com o objetivo de propagar e manipular os seus ideais para a população em geral. Os meios de comunicação, além de suas funções básicas (difusores da informação, educadores e interlocutores) passam a ser ferramentas de disputa política e econômica no intuito de impor até de forma selvagem aspirações e interesses próprios, assegurando o cumprimento de uma possível idéia pré-estabelecida.

Em relação aos questionamentos mais intrínsecos da mídia e o pluralismo étnico (negro na mídia) destacamos alguns pontos para reflexão: o acesso dos grupos minoritários (negros, homossexuais, portadores de necessidades especiais, etc.) aos meios de comunicação; visibilidade de imagens e conteúdos (textos impressos e audiovisuais) focando o negro. É promovida de uma forma ou de outra, a partir dessas características já descritas, o monopólio de uma cultura dominante (traços europeus e norte-americanos), onde os meios massivos seguirão ou não um perfil editorial a essa mesma cultura.

Ramos (2002, p.9) coloca que os meios de comunicação desempenham um papel decisivo na manutenção do racismo:

Além de ser um caso exemplar dos mecanismos de reprodução das relações raciais, a mídia desempenha um papel central e único na produção e manutenção do racismo. Através dos meios de comunicação, especialmente dos meios de massa, como a televisão e o rádio, as desigualdades raciais são naturalizadas, banalizadas e muitas vezes racionalizadas.



Em grande parte medida através da mídia de massa as representações raciais são atualizadas e reificadas. E dessa forma, como “coisas”, circulam como noções mais ou menos comuns a toda sociedade e como idéia mais ou menos sensatas (RAMOS, 2002, p. 9).

O olhar da autora é objetivo ao analisar as representações raciais transmitidas para a sociedade pelos meios de comunicação de massa, principalmente quando circulam como noções ‘coisificadas’. Passam a ser normais no contexto social, no qual o racismo apesar de ser mascarado é também difundido pelos meios massivos.

Muniz Sodré (1999, p.245-246) diz que o racismo midiático é suscitado pelos seguintes fatores: negação, recalçamento, estigmatização e indiferença profissional. Perpassando muitas vezes alguns desses fatores Sodré (1999), remonta que os juízos de inferioridade transmitidos vêm de uma longa tradição ocidental de preconceitos e discriminações contra o negro:

Com referência ao negro, a mídia e a indústria cultural, constroem identidades virtuais a partir não só da negação e do recalçamento, mas também de um saber de senso comum alimentado por uma longa tradição ocidental de preconceitos e rejeições. Da identidade virtual nascem os estereótipos e a folclorização em torno do indivíduo de pele escura (SODRÉ, 1999, p. 245-246).

O que vai ser reproduzido nos meios de comunicação são apenas os juízos de valor, que já estão cristalizados em nossa estrutura societária brasileira no qual o racismo está presente. É muito mais viável, antes de classificarmos impulsivamente a mídia como puramente racista atentarmos para alguns questionamentos, dentre eles: Quem utiliza as ferramentas midiáticas, qual a finalidade e como os meios de comunicação estão distribuídos no país?

Bem, as concessões massivas no Brasil estão entregues as elites daí a concepção de Ramos (2002, p.8-9) de que ‘a mídia é elitista, hegemônica e racista’. Na idéia de Ramos (2002) explicamos algumas possibilidades para essas adjetivações na qual é elitista devido ser ainda monopolizada pelas classes dominantes e pequenos oligopólios políticos, daí sua hegemonia, e por transmitir um dos males sociais brasileiros através dos meios de comunicação, o racismo.



Visualizamos essas impressões nos meios de comunicação, a partir de considerações de forma isolada reforçando grande parte desses pontos já levantados, analisando o tratamento dado ao negro (representações midiáticas) no cinema, televisão, rádio e imprensa escrita. Começamos pelo cinema brasileiro que logo de início vai gerar muitos anseios e desejos na classe dos intelectuais e artistas negros ao afirmarem que os nossos filmes não apresentam personagens reais individualizados, mas apenas “arquétipos e caricaturas” (RODRIGUES, 2001, p.29).

Muitas dessas caricaturas são apontadas por Rodrigues (2001), tais como: os Pretos-Velhos, Mãe-Preta, Negro de Alma Branca, Nobre Selvagem, Negro Revoltado, Negão, Malandro, Favelado, Crioulo Doido, Mulata Boazuda, Musa e Afro-Baiano sendo imagens corriqueiras do negro no cinema. D’adesk (2001) parece ter uma visão que se intercrusa com a de Rodrigues (2001, p.94):

No cinema brasileiro, a posição do negro é a mesma da televisão. Sem ser rejeitado frontalmente, o negro é contido, rechaçado e sempre posto em situação de minoria. É colocado no papel de marginal ou subalterno (bandido ou empregado doméstico) e associado ao que não é o cotidiano, como as festas, o carnaval e a religião (RODRIGUES, Id, p. 94)

A posição de D’adesk (2001) realmente tem um cruzamento com a de Rodrigues (2001), pois evidencia as formas caricaturais que o negro assume, a partir do instante em que passa a ser focalizado pelo cinema, ou seja, os conhecidos estereótipos ou a imagem distorcida do que é o verdadeiro. O contexto do negro na televisão não é muito animador, visto que nesse veículo muitos dos problemas caricaturais também são repetidos.

Além disso é pertinente ressaltar que na televisão os arquétipos e caricaturas são adicionados a outros elementos como a invisibilidade e a problemática do negro e o mercado de trabalho (boa aparência, qualificação exemplar, educação e disciplina). D’adesk (2001, p.89) destaca algumas observações sobre o trabalho do negro na televisão:

Nas novelas e séries televisivas, acompanhadas continuamente pelas famílias brasileiras, os negros são quase invisíveis. Salvo raras exceções, eles não existem como protagonistas da história central. Fora das novelas e séries históricas específicas sobre negros, estes só aparecem em relação aos brancos. A principal razão de ser dos negros



é fortificar a trama da história dominante, seja por meio de imagens exóticas, pela construção de uma intriga racial ou por imagens banais de mortalidade ou delinqüentes. (D'ADESK, 2001, p. 89).

Um dos argumentos mais usuais das próprias emissoras de televisão é o de achar atores negros de talento para interpretar papéis de protagonistas e o outro é de que os papéis de segundo plano (motoristas, domésticas, policiais, bandidos, etc.) refletem muito mais a verdadeira realidade dos negros.

A imagem televisiva focalizando os negros é descentrada em relação a sua realidade socioeconômica, encontrando-se numa situação de extroversão em relação às especificidades culturais dessas populações. Mesmo em meio a esses contratemplos a televisão brasileira direcionada aos negros tem apresentado algumas mudanças, na maioria das vezes ocorridas a partir das reivindicações do próprio Movimento Negro, Instituições Sociais Especializadas e Ong's para reverter este quadro.

A presença de atores e atrizes negras em algumas emissoras poderosas (Rede Globo) indica mudanças na utilização da imagem do negro na televisão: *Fera Ferida* (1994), *Pátria Minha* (1994), *A Próxima Vítima* (1995) e *a Indomada* (1997). Uma das medidas para a inclusão de atores e atrizes negras na televisão brasileira é adotar uma política de cotas para negros, proposta das entidades que trabalham com essas questões e do próprio movimento negro. Sendo muitas vezes contrária as suas funções de transmissão de informações, educação e entretenimento, a televisão vem ser um instrumento imagético de desenraizamento, na medida em que nega a diversidade cultural do país.

O Espelho Infiel: as Religiões Afro-Brasileiras Retratadas pela Mídia

Na história das culturas negras no Brasil é inegável que as religiões africanas, que se tornaram afro-brasileiras, quando aqui chegaram trazidas pelos escravos negros despertaram muitas curiosidades e, principalmente, preconceito na sociedade brasileira em formação. O modelo judaico-cristão ocidental de religião (a exemplo do Catolicismo) vai de encontro às religiões afro-brasileiras, nas quais os negros através de várias estratégias de sobrevivência buscaram manter suas crenças nos seus deuses (voduns, orixás, inkices, etc.), apesar da bruta imposição da religião das classes dominantes pelos seus senhores.



Uma das idéias ou mecanismo utilizado pelos negros em meio às pressões dos seus senhores a uma nova religião foi o ‘sincretismo’ que Ferretti, S. (1995, p. 91) afirma não ser algo exclusivo a religião e ter sentidos diversificados:

O sincretismo ocorre na religião, na Filosofia, na Ciência, na Arte e pode ser de tipos muito diversificados . Nas religiões afro-brasileiras podemos localizar vários tipos, conforme o aspecto que se esteja estudando ou a ênfase do estudo. Apesar dos aspectos pejorativos que prevalecem, sincretismo é um fenômeno que existe em todas as religiões, está presente na sociedade brasileira e deve ser analisado quer gostemos ou não. (FERRETTI, S., 1995, p. 91).

Apenas para reforçar e relacionar um dos meios encontrados pelos negros, no intuito de preservar seu sistema de crenças religiosas já formado em meio a uma nova religião imposta citamos o sincretismo. Reiteramos ainda que o sincretismo é um dos elementos recorrentes nos meios massivos sendo bastante enfatizado, a fim de que a teogonia das religiões afro-brasileiras seja explicada para os leitores e telespectadores.

Nesse complexo de aproximações (deuses africanos-santos católicos) sempre buscam explicar as religiões afro-brasileiras e todo o seu universo cultural, através do próprio sincretismo. Na seguinte matéria de jornalística publicada em O Jornal e intitulada **“Terreiros homenagearam Ogum”(1980)** podemos observar ao longo da construção textual as associações feitas entre santo católico e orixá, característica peculiar de matérias jornalísticas em geral ao abordarem as religiões afro-brasileiras:

Dois dos principais terreiros de São Luís renderam homenagens a São Jorge, que sincretiza com Ogum. Os terreiros de Sebastião do Coroado e de Jorge da Fé em Deus, durante dois dias (22 e 23) movimentaram seus fiéis com ladainhas e procissões, além da distribuição de comidas e bebidas ao público presente (O JORNAL, 25/04/1980).

No contexto social brasileiro as religiões de matriz africana geralmente foram discriminadas sendo consideradas como coisas de negros, feitiçaria, satanismo, etc., logo muito dessa intolerância religiosa será refletida com acentuada ênfase nas batidas policiais contra os afro-religiosos. Na primeira metade do século XX, as investidas da polícia foram constantes aos terreiros maranhenses como mostra a professora Maria do Rosário Santos (1989, p.117):



Nos depoimentos das pessoas entrevistadas, Raimundo Maranhão e Flávio Bezerra aparecem como os delegados que mais perseguiram terreiros na capital do Maranhão. Sabe-se, ainda que os períodos mais fortes da repressão foram os anos que precederam as duas grandes guerras mundiais arrefecendo um pouco entre o período da Revolução, de 1930 a 1935. Mas, com o Estado Novo, até 1950, verifica-se o período mais crítico da repressão em São Luís (SANTOS, 1989, p. 117)

Em São Luís do Maranhão aconteceram diversos casos de repressão policial tanto aos mineiros, quanto aos curadores, praticantes da pajelança³. Todos esses fatos fazem parte de registros da memória oral de praticantes das religiões afro-maranhenses, segundo Rosário Santos (Id, Ibid):

A memória oral registra, com riqueza de detalhes uma investida da polícia, em 1938, contra o terreiro de Pai Demétrio, situado nas matas do Batatã. Conta-se que o delegado Januário, acompanhado por diversos policiais, invadiu o terreiro montado num cavalo, no momento em que o pai-de-santo realizava um culto. Ao invadir o terreiro, o delegado gritava que era para “acabar com a vagabundagem”. Porém, neste momento, um encantado incorporado no pai-de-santo, deu três gritos e suspendeu sua bengala na direção do cavalo que, dando upas, foi retirando-se do barracão. O delegado, ao cair pela traseira do cavalo, recebeu então um espírito, que o fez rolar pelo chão até o dia amanhecer. (SANTOS, Id, Ibid)

Não foram somente os praticantes das religiões afro-brasileiras os perseguidos pela polícia, mas os pajés e curadores também sofreram repressões e batidas policiais, como mostra Ferretti, M. (2004, p. 22):

No Maranhão, a prisão de curadeiras e pajés no final do século XIX e a repressão a terreiros afro-brasileiros na primeira metade do século XX foram bastante registradas por jornalistas, muitas vezes cobrando das autoridades mais rigor no cumprimento da lei e das determinações dos órgãos públicos, criados para atuar nas áreas de saúde pública e encarregados da fiscalização dos terreiros. No período de ditadura, conhecido como Estado Novo (1937-1945), o problema persistiu. São numerosas as notícias publicadas na capital maranhense de batidas policiais a terreiros, prisões de “macumbeiros” e pajé, fechamento de algumas casas de culto etc. (FERRETTI, M., 2004, p. 22).



As investidas dos policiais em si, além da brutalidade e selvageria direcionadas aos praticantes das religiões afro-brasileiras e aos pajés ou curadores, contavam com o apoio da imprensa escrita como explicita o professor e pai-de-santo Júlio Braga (1995, p.24):

Nina comenta, também, a maneira como a imprensa se compraz em noticiar, sem a necessária isenção de ânimos, as freqüentes incursões da polícia, a diferentes terreiros de candomblé. Aliás, o tom irônico, quase de deboche, vai estar sempre presente em quase todas as notícias jornalísticas que tratam da repressão policial (BRAGA, 1995, p. 24)

A imprensa escrita vai ser um espaço de denúncia e ao mesmo tempo de estranhamento e de incentivo para que as religiões afro-brasileiras sejam reprimidas e contidas, apelando muitas vezes, para que a polícia seja mais enérgica com os seus adeptos De acordo com Braga (1995, p.154):

O Jornal “A Tarde” de 29 de maio de 1923, numa reportagem com o título “No Antro da Feitiçaria”, desvenda e denuncia o propósito do disfarce dos candomblés em centros espíritas. O jornalista, após se referir ao caso de uma moça que, de pés e mãos acorrentados, gritava e se debatia desesperadamente (um laudo médico do Nina Rodrigues diagnosticara estar ela louca), é taxativo na qualificação dos candomblés como prática de bruxaria: ‘nesses antros de feitiçaria, dispersos pela cidade, onde ocorrem cenas monstruosas, impressionantes, não raro vitimando os imprudentes que se prestam às bruxarias. A polícia ignora ou fecha os olhos propositadamente. A indústria prospera e os pais-de-santo, falsos médiuns e quejandos multiplicam-se, levando vida farta à custa de suas pobres vítimas cegas pela ignorância ou temor supersticioso (Id, Ibid, p. 154)

É nítida a preocupação do jornalista com a repressão da polícia diante das religiões afro-brasileiras (Candomblé, nesse caso), sendo os terreiros classificados como verdadeiros antros de feitiçaria para a prática do mal, algo totalmente contra o seu real significado. Por último a matéria jornalística julga previamente de maneira errônea o



caráter dos líderes afro-religiosos, acusando-os de enganadores da população carente de conhecimento e dominada pelas superstições.

De acordo com Nagamine Brandão (2002, p. 21) o discurso e o posicionamento de quem fala (discurso) está pautado no momento histórico vivido na época (primeira metade do século XX, repressão às religiões afro-brasileiras), que estava em evidência. Embora o discurso da imprensa escrita também seja produto de um momento histórico, a imprensa relacionada às religiões afro perpassa a sua função de informar, educar e entreter a população para servir de instrumento ou arma no combate aos afro-religiosos.

Nem mesmo a centenária Casa das Minas, Terreiro de Tambor de Mina fundado por africanos jejes trazidos como escravos para o Maranhão (FERRETTI, S. 1996, 58), escapou do preconceito da mídia impressa (jornais) como atesta a matéria jornalística da Pacotilha (1923), documentada no acervo do grupo de pesquisa Mina, Religião e Cultura Popular do Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Maranhão:

Outra palhaçada é o candomblé das “minas”. Palhaçada ou cachaçada, que é a melhor definição. Que eu saiba, há por cá, entre outras, a “Casa Grande chefiada por uma mãe” qualquer numa das ruas da própria capital, e fora dela o sítio da “Cota do Barão”. Nas suas costumeiras reuniões vai gente de toda cor, mais sempre da pior espécie. Consulta, pede, roga, bebe e acaba caindo na surubanda infernal. A princípio, enquanto todo o respeito é pouco. Numerosos assistentes rodeiam algumas velhas negras que cantam coisas incompreensíveis e se rebolam macabramente ao som dos tambores e tabaques e outros instrumentos ensurdecedores, rola a cachaça á ufa! Algumas mulheres, já pelo meio da festança, gesticulam tragicamente, caindo aos berros pelo chão, e levantando-se aos esgarres de quem morrendo congestionado. E o santo que “entra” nelas. Este “santo” é um perigo. Adivinha as coisas, dá remédios, pinta o sete,mas deixa as mulheres esbodegadas...

E a dança continua, desenfreada. E os cantos enchem soturnamente o espaço...

“Santa Bárbara beirando o mar, Santa Bárbara nas ondas do mar; Santa Bárbara beirando o mar, Santa Bárbara nas ondas do mar...” Após estes vêm outros: “Rio todo cheio, Ogunjá!” E mais outros: “Toca no agugô, P’ra sabe. Toca no agugô P’ra sabe...” E mais ainda “O Aruchuchá Que é relampuê, Minha Santa Bárbara Que relampuá!...” A cachaça continua a correr. Quase ninguém mais se entende. Alguns ressoam pelos cantos. Outros dançam ainda cambaleno. Há conversas animadas e intermináveis discussões. Pilherias



picantes e cínicas risadas. E no meio de tudo isso a maior parte das consulentes esquece o motivo que o levou ali e se confunde com as “minas, bebendo, cantando e dançando. Que só assim, sinão remédio, os menos esquecimento às suas grandes misérias. Assis Garrido (JORNAL A PACOTILHA, 15/11/1923).

As descrições são completamente preconceituosas, os insultos são explícitos e direcionados objetivamente, tais como “palhaçada e cachaçada”, onde o autor Assis Garrido afirma que o ‘culto em si’ é apenas um pretexto para as orgias ou a ‘surubanda infernal’ como ele mesmo classifica. Em relação aos deuses ele debocha escancaradamente dizendo que os santos são ‘perigosos’ e que adivinham, dão remédios e ‘pintam o sete’, onde o transe é algo totalmente estranho e exótico, logo essa postura de ataque direto e explícito às religiões afro-brasileiras ainda é presenciado na atualidade, a partir de programas na televisão brasileira promovidos por algumas Igrejas neo-pentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus).

Na seguinte matéria jornalística com o título “**Tambor em Brasília Prejudica a População**”(1965) as festas afro-religiosas vão aparecer como algo perturbador da ordem e do sossego da população de um dos bairros de São Luís:

Moradores do bairro da Brasília do Matadouro estiveram na manhã de ontem, na Delegacia do 2º Distrito Policial solicitando providências em torno de um Tambor de Mina que ali vem se verificando todos os sábados e domingos, de propriedade do cabo Pavão, da Polícia Militar do Estado.

Inferno

Informaram mais os reclamantes ao delegado Raimundo Marques que nos dias citados, o barulho infernal não deixa ninguém dormir. O cabo Pavão foi intimado por aquela autoridade policial a prestar declarações em torno da queixa (JORNAL DO DIA, 27/04/1965).

Percebemos que a mídia impressa (jornais) ao longo de sua história relacionada às religiões afro-brasileiras serviu como poderosa arma no combate e denúncias contra as culturas afro-religiosas, pois são inúmeras as matérias jornalísticas nas quais essas religiões serão focalizadas a partir das seguintes adjetivações depreciadoras: perturbadoras, macumba, feitiçaria, locais de orgias e bebedeiras. Elas não eram vistas como religiões, mas apenas como espaços de diversão, orgias e bebedeira, transitando pela folclorização, termo muito presente ainda nas matérias afro-religiosas na mídia atual.



Nos outros meios midiáticos como a televisão, cinema, rádio e a internet as religiões afro-brasileiras, assim como na mídia impressa apresentarão tanto um lado positivo quanto um negativo, dependendo muito da linha editorial do veículo massivo e da produção da matéria. Vagner Gonçalves (2000, p.135) relata que a exposição de aspectos mais íntimos das religiões afro-brasileiras na mídia (fora do contexto religioso) geram o choque e estranhamentos:

Nos anos 50, a publicação da reportagem “A Purificação pelo Sangue de José Medeiros na revista O Cruzeiro (dezembro de 1951) mostrando fotos dos principais momentos de um “oro” ou “sundidé” de iniciação (quando os animais são sacrificados sobre o corpo do iniciando) realizado em Salvador e a posterior reunião dessas fotos no livro Candomblé (Medeiros, 1957) causou polêmica ao divulgar indiscriminadamente, num meio jornalístico, cenas de atos considerados reservados pelos religiosos e vistos como “chocantes” pelas pessoas não familiarizadas com a religião. (SILVA, 2000, p. 135)

Na maioria das vezes a mídia em meio a pontos reservados a essas religiões, a mídia transmite sempre o lado exótico e o sensacionalismo, espetacularizando as culturas diferenciadas a partir de imagens através de fotografias e imagens televisivas e também cinematográficas. Rodrigues (2001, p.99) cita o filme *Yaô* (1976) de Geraldo Sarno, que causou muita polêmica por mostrar cenas muito secretas aos momentos de iniciação no candomblé:

Yaô-1976, de Geraldo Sarno, é um média-metragem sobre a iniciação num terreiro jeje do Recôncavo, meticulosamente dividido nas fases do ritual (catulagem, raspagem, sarapocâ, bori, sundidé). O filme causou grande polêmica por revelar momentos secretos das jovens noviças na camarinha, , depois da equipe de filmar sofrer uma “limpeza astral” em regra. Outro argumento usado foi de que mostra uma iaô babando, o que seria “pejorativo” (RODRIGUES, 2001, p. 99).

João Rodrigues (2001, p.99-100) diz que muitos outros filmes ou documentários foram feitos, mas que poucos alcançaram o nível cinematográfico e polêmico de *Yaô* e *Egungun*, dirigido por Carlos Blajsblat na ilha de Itaparica, que tratava de mostrar o culto dos eguns (entidades ancestrais masculinas no candomblé). Geralmente, os textos televisivos e as matérias imagéticas (com grande riqueza de fotografias) tenderam ao sensacionalismo, espetacularização e ao exótico.



O rádio foi um lugar em que os afro-religiosos puderam ter um espaço mais democrático com a oportunidade de possuir seus próprios programas com a temática das culturas afro-religiosas, dentre eles podemos apontar no Maranhão variados programas radiofônicos importantes para a construção de uma possível história da mídia afro-religiosa maranhense (LINDOSO, 2006): Na Ronda dos Orixás (anos 70), Programa de Umbanda de José Cupertino (anos 70), Viva a Oxalá (anos 80), Cultura Mística; Axé Cultura e Povo de Santo. Na internet há uma proliferação de informações relacionadas ao universo afro-brasileiro, onde destacamos no páginas de templos afro, fóruns de discussão, páginas pessoais de líderes e seguidores afro-religiosos, etc.

Referências Bibliográficas

BRAGA, Júlio. **Na Gamela do Feitiço: repressão e resistência nos Candomblés da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 1995.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. São Paulo: editora da Unicamp, 2002.

D'ADESK, Jacques. **Pluralismo Étnico e Multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

FERRETTI, S., **Repensando o Sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas**. São Paulo, Edusp, 1995.

_____. **Querebentan de Zomadônu: etnografia da Casa das Minas do Maranhão**. Edufma, 1996.

FERRETTI, M. **Pajelança do Maranhão no século XIX: o processo de Amélia Rosa**. São Luís, CMF, FAPEMA, 2004.

LINDOSO, Gerson Carlos Pereira. **Vozes que ecoam e não se calam: o programa de rádio Axé, Cultura como ferramenta no combate às intolerâncias afro-religiosas**. In: IV Encontro Nacional de História da Mídia, 2006, São Luís-MA., 2006.

_____. **Ilê Ashé Iemowá: um estudo etnográfico-midiático sobre um terreiro de Tambor de Mina em São Luís**. Monografia de Conclusão de Curso em Comunicação Social (Jornalismo) na Universidade Federal do Maranhão. São Luís, 2004.

_____. **A Ressignificação da Umbanda pela mídia maranhense: o escândalo político envolvendo o vereador e babalorixá Sebastião do Coroado**. In: 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Lajeado: Rio Grande do Sul, 2004

_____. **Ilê Ashé Iemowá-47 anos de fé, tradição e visibilidade do Tambor de Mina na mídia maranhense**. In: 55ª Reunião Anual da SBPC, Recife, 2003



_____. **O Processo de tombamento da Casa das Minas e sua repercussão nos meios de comunicação de massa de São Luís.** In: 10º Congresso Brasileiro de Folclore, 2002, Anais do 10º Congresso Brasileiro de Folclore, Comissão Maranhense de Folclore, 2004, p.307-315.

MAGGIE, Yvonne. **Medo de feitiço: relações entre magia e poder no Brasil.** Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1992.

PORT, Mattijs Van de. **Sacerdotes midiáticos- o Candomblé, discursos de celebridade e a legitimação da autoridade religiosa na esfera pública baiana.** Religião e Sociedade. Rio de Janeiro: ISER, Vol. 25, nº 2, 2005.

RAMOS, Sílvia (Org.). **Mídia e Racismo.** Rio de Janeiro: Pallas, 2002.

RODRIGUES, João Carlos. **O Negro Brasileiro e o Cinema.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

SANTOS, Maria do Rosário C. e SANTOS NETO, Manoel dos. **Boboromina: terreiros de São Luís-uma interpretação sócio-cultural,** SECMA, 1989

SILVA, Vagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras.** São Paulo, Edusp, 2000

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

Matérias de Jornais

GARRIDO, Assis. **Crendices.** Jornal A Pacotilha, 15/11/1923. ACERVO DE DOCUMENTOS SOBRE NEGROS, FESTAS E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS NO MARANHÃO. Gp-Mina, coordenação de Sérgio e Mundicarmo Ferretti.

Terreiros homenagearam Ogum, O Jornal, 25/04/1980.

Tambor em Brasília prejudica população, Jornal do Dia, 27/04/1965

1-Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais do Inovcom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste- São Luís, MA.

2- Jornalista, Licenciado em Letras (Prt-Ingl) e Ms. em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão. Professor do Curso de Engenharia de Produção da Faculdade Pitágoras.

3-Pajelança é o culto afro-ameríndio difundido largamente na Amazônia, cujo instrumento básico é o maracá, e durante o qual o pajé recebe vários encantados, entrando em transe de tipo xamanístico, acompanhado pela assistência com cânticos e palmas (FERRETTI, S. 1996, p.303). Esse ritual tem instrumentos próprios e tem no uso de ervas, banhos, infusões, etc., ou seja, na própria medicina terapêutica ou alternativa uma de suas características básicas.



